

No 20º dia de negociação, continua o impasse com os bancos credores

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — PMDB, queda de Bresser, **spread** — como disse o banqueiro John Landers, do Manufacturers Hanover, “muita discussão” afastou Brasil e bancos, mais uma vez, de um acordo no 20º dia de negociação em Nova York.

As duas primeiras questões constavam de um artigo publicado pelo “The Wall Street Journal”, o jornal mais influente da comunidade financeira americana, onde eram citados pelos banqueiros credores como fatores importantes que dificultavam a Bracher concluir uma negociação sob tanta pressão. O terceiro fator, o **spread** (taxa de risco) dos US\$ 3 bilhões de dinheiro novo que está sendo discutido, foi, segundo uma fonte bancária, a única questão técnica discutida.

Como faz britanicamente todos os dias, Fernão Botelho Bracher chegou à sede das negociações às 14h30m, horário de Brasília, sem dar sinais de um acordo.

— Pode ser hoje, amanhã ou depois. Estamos negociando. O “Wall Street” nem me contratou e já quer me demitir — disse, brincando, ao entrar para a reunião que, até as 21 horas, horário brasileiro, não havia terminado.

Bracher não considerava o **spread** como um fator importante na negociação, já que ele será melhor definido daqui a um mês, quando da negociação sobre um acordo de longo

prazo. Duas horas após a entrada de Bracher, o Coordenador da Dívida Externa Brasileira, William R. Rhodes, do Citibank, saiu da reunião com uma sacola de ginástica, dizendo que voltaria dentro de 20 minutos. Mas só retornou três horas depois, aparentando grande preocupação.

— Ainda não temos um acordo. Espero que tenhamos no futuro, mas até aqui nada — disse Rhodes ao GLOBO. Logo após, saiu o porta-voz do Citibank, Richard Howe:

— Vou preparar um comunicado sobre o México.

Brasileiros num lado da sala e banqueiros credores do outro, este o cenário da negociação. Leighton Coleman, Vice-Coordenador e representante do Morgan Guaranty Trust na reunião, ao ver a imprensa, acenou da janela, enquanto Bracher sorria, indicando com gestos que a conclusão de um acordo ainda tomaria tempo. No entanto, os banqueiros procuraram transmitir a informação de que não havia crise.

— Não há crise nenhuma. Há muita discussão. Ainda falta um pouquinho — disse John Landers ao GLOBO.

Até as 22h, horário de Brasília, continuava a negociação. A informação do Chefe da Casa Civil, Ronaldo Costa Couto, de que o Brasil pagaria hoje (ontem), foi recebida com risos no Citibank.

— Que bom, você tem alguma notícia para mim? — Era a pergunta do porta-voz Richard Howe.